

PFL acelera operação pró-ACM

CARMEN KOZAK

BRASÍLIA — Aproveitando uma semana sem depoimentos previstos no Conselho de Ética e Decoro Parlamentar o Senado, o comando nacional do PFL vai reforçar a operação para tentar convencer os senadores a não punirem o senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) com a cassação de mandato. Os detalhes da operação foram acertados, por telefone, em conversas do presidente nacional do PFL, senador Jorge Bornhausen (SC), com o líder do partido no Senado, Hugo Napoleão (PI) e o próprio ACM.

Os pefelistas vão agir em duas frentes. Hoje, começarão um corpo-a-corpo com os senadores.

Além disso, pretendem divulgar pareceres de juristas renomados defendendo a tese de que cassação de mandato não se aplica para a violação de votos secretos. O objetivo da medida é tentar reverter os ânimos da opinião pública.

A tática dos pefelistas é jogar toda a responsabilidade da violação em José Roberto Arruda, sustentando que o delito de ACM foi apenas ter lido a lista. A tropa pefelista, especialmente os carlistas, está dando atenção especial aos integrantes do Conselho de Ética, onde têm garantidos quatro votos de pefelistas.

Os pefelistas darão atenção especial ao PMDB, ao PSDB, ao PPB e ao PTB. Interessa ao PFL que, desde o Conselho, seja dado tratamento diferenciado para a

atuação de Arruda e de ACM no caso. Eles confiam que a cassação não será aprovada em plenário, mas não querem que o Conselho aprove nada além de uma suspensão temporária.

Para evitar conflitos com a orientação do presidente Fernando Henrique Cardoso, os ministros pefelistas ficarão de fora destas articulações. Já os governadores do PFL estão escalados para trabalhar as bancadas de seus estados. A do Maranhão, Roseana Sarney, tem auxiliado também na apresentação de sugestões para a mobilização dos eleitores baianos.

Apesar das rugas históricas de ACM com os grupos comandados pelo vice-presidente Marco Maciel e pelo senador Jorge Bornhausen, o PFL avalia que terá

que manter toda solidariedade com o líder baiano. O partido, conta um dirigente, sofre desgaste eleitoral desde as eleições municipais do ano passado.

Não pode, agora, dar-se ao luxo de perder a força política de ACM representada em 6 milhões de votos na Bahia, a bancada baiana no Senado e a maioria dos deputados federais. "O PFL não pode prescindir da força de ACM, especialmente em um momento em que o partido está fragilizado", pondera um interlocutor de Bornhausen.

Ontem, Antonio Carlos Magalhães passou o dia em Salvador. Ele dedicou a maior parte do final de semana a contatos com aliados e à releitura de todos os depoimentos no Conselho.